



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DO ENSINO
CURSO DE PEDAGOGIA

DIÉLIA RODRIGUES TELES

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA:
PESQUISA DE CAMPO NA ESCOLA CENTRO DOS RETALHISTAS NA CIDADE
DE FORTALEZA/CE

FORTALEZA

2017

DIÉLIA RODRIGUES TELES

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA:
PESQUISA DE CAMPO NA ESCOLA CENTRO DOS RETALHISTAS NA CIDADE
DE FORTALEZA/CE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Távora Furtado
Ribeiro

FORTALEZA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T272 Teles, Diélia Rodrigues.
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA : PESQUISA DE CAMPO NA ESCOLA
CENTRO DOS RETALHISTAS NA CIDADE DE FORTALEZA/CE. / Diélia Rodrigues Teles. – 2017.
30 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro .

1. Educação. 2. Geografia. 3. Ensino. I. Título.

CDD 370

DIÉLIA RODRIGUES TELES

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA:
PESQUISA DE CAMPO NA ESCOLA CENTRO DOS RETALHISTAS NA CIDADE
DE FORTALEZA/CE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Francisca Maurilene do Carmo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^o. Me. José Antônio Gabriel Neto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho ao meu Deus a minha Família e aos meus Professores. Eles me encorajaram a prosseguir na faculdade, nas horas em que senti que *não* tinha mais forças.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Senhor meu Deus, pois Ele foi o meu refúgio, socorro bem presente nas horas em que mais precisei.

A minha mãe querida (**Conceição Teles**) que tão dispostamente cuidava da minha filha quando eu precisava ir à faculdade. E ao meu pai (**José Rodrigues**) por toda sua paciência e compreensão.

E não diferente, também sou muito grata a minha filha amada (**Luciely Teles**) que suportou pacientemente/inconscientemente a minha ausência. E ao meu digníssimo, amado esposo (**Luciberto Martins**) pelo incentivo e compreensão, sempre ao meu lado em todos os momentos.

Aos meus amigos, professores e demais funcionários do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, pela oportunidade de aumentar os meus conhecimentos. Pelo apoio, incentivo e carinho nesta longa caminhada.

E por último, e não menos importante, ao meu orientador Professor Doutor **Luís Távora Furtado Ribeiro**, por me aceitar como orientanda, pela enorme paciência, competência e dedicação. Muito obrigada.

E a todos que, de forma direta e/ou indiretamente, contribuíram com a realização deste trabalho, e que ocasionalmente não foram citados aqui. Grata.

“Sonhos determinam o que você quer.
Ação determina o que você conquista”
(Aldo Novak)

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre o Ensino de Geografia em uma escola pública estadual situada em Fortaleza. Para tanto foram realizadas três visitas com o intuito de aprofundar mais nesta pesquisa. O presente trabalho se desenvolveu ao longo dos quatro últimos meses do ano de 2017. Fez-se necessário primeiramente conhecer a escola e o professor (José Pires) licenciado em Geografia. Em um segundo momento, visando conhecer as práticas pedagógicas do professor em classe, foi assistido uma aula de Geografia com a turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA. E por último foi entrevistado o professor licenciado em Geografia. Em uma pesquisa de caráter qualitativo; na entrevista, foram abordadas questões sobre a formação em licenciatura, a profissionalização, a visão sobre a escola e os desafios de uma sala de aula. Busca-se compreender dentro do contexto do ensino: Um breve histórico sobre a Geografia, uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's de Geografia e o histórico da Educação de Jovens e Adultos – EJA no Brasil. Na pesquisa serão utilizadas contribuições de autores como: Callai (1998), Beisiegel (2010) e Araújo (2012). Desse modo a pesquisa terá como intenção maior conhecer mais sobre o ensino da Geografia e outros aspectos que a compõe.

Palavras-chave: Educação, Geografia e Ensino.

ABSTRACT

This Work makes a reflection about the geography teaching in a public school situated in Fortaleza. To do such investigation three visits were realized with the intention to go deeper in this research. The Present work was developed in the last four months of the year 2017. First we got to know the school and its teacher (José Pires), which is graduated in geography. Then we tried to understand the pedagogical methods of the same teacher and we watched a geography class. The last thing was a interview with the teacher, in a qualitative research. In the intervirew the teacher talked about his own formation, his profission and his visions about the school and the challenges in a classroom. So we try to understand: the geography historical, an analysis of the paramethers of the curriculum for geography in Brazil and the history of adults education. In this research, we use authros like Callai (1998), Beisiegel (2010) e Araújo (2012). Doing this way the investigation has as intention to know the geography teaching and some other aspects of it.

Key words: Education, Geography and Teaching.

SUMÁRIO

1. REFLEXÕES ACERCA DO CURRÍCULO DE GEOGRAFIA:	10
1.1 Um breve histórico sobre a Geografia	10
1.2 A importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s de Geografia	12
1.3 Históricos da Educação de Jovens e Adultos – EJA no Brasil	14
2. A ESCOLA VISITADA E O ENSINO DE GEOGRAFIA	18
3. A SALA DE AULA OBSERVADA E O ENSINO DE GEOGRAFIA	20
4. A ENTREVISTA COM UM PROFESSOR QUE LECIONA GEOGRAFIA.....	22
5. CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXO A – IMAGENS LIGADAS A VISITA ESCOLAR	28
ANEXO B – COLETA DE MATERIAS PEDAGÓGICO	29

1. REFLEXÕES ACERCA DO CURRÍCULO DE GEOGRAFIA:

1.1 Um breve histórico sobre a Geografia

Para entendermos como a Geografia atua hoje, se faz necessário compreendermos um pouco de sua história, desde o início da humanidade. Podemos começar informando, que o período pré-científico da Geografia corresponde a saberes totalmente carentes de sistematização e organização metodológica. É fato que ela se tornaria uma ciência (muitos séculos depois), mas o conhecimento geográfico sempre existiu.

Podemos citar, como um dos primeiros conhecimentos geográficos, as pinturas rupestres encontradas nas cavernas; como uma das primeiras representações da organização espacial da sociedade, assim eram reproduzidos no período da história que antecede a criação da escrita, como nos indica Araújo (2012).

De acordo com Boudou (2012), em seu livro “Tópicos Especiais em Geografia”, a história da Geografia nos é relatada devido à junção de vários documentos, pois os primeiros viajantes descreviam informações de suas explorações, através de relatos, observações científicas, mapas, gravuras, desenhos, e de outros documentos que registram as façanhas do homem na conquista de novos territórios.

Na verdade, a história da Geografia na Idade Antiga foi escrita a partir de textos, fragmentos de textos e transcrições de diversos séculos. A cartografia deste período tornou-se conhecida mais pela literatura que por documentos existentes. Desta maneira, as viagens e os périplos foram reconstituídos a partir de frases, e dão margem a múltiplas interpretações. [...] Devemos sempre lembrar que a história da Geografia na Antiguidade deve ser relativizada devido às diversas fontes de informações geográficas terem sido geradas indiretamente. (BOUDOU, 2012, p.31)

Etimologicamente, a definição para a palavra Geografia, significa a união de dois termos de origem grega: *geo* = mundo e *grafia* = descrição. Era exatamente desta maneira que inicialmente, atuava a Geografia: fazendo a descrição do mundo. Havia uma necessidade humana de se registrar e descrever, por exemplo, onde estavam localizados os rios, os mares, as montanhas, assim nos afirmam Rocha (2015).

Seja em terra ou nos oceanos, os homens não se cansaram de encontrar fenômenos, de observar os fatos, de assistir a manifestações diversas da natureza. Assim, com o passar dos séculos, as áreas de estudo da Geografia se ampliaram, aumentaram-se as possibilidades de coleta e tratamento de dados.

Como uma forma de reproduzir visualmente a terra, o homem foi aperfeiçoando suas técnicas de desenhos, e construíram mapas cada vez melhores. Assim desenvolveram a cartografia. Nas palavras de Boudou (2012, p.34):

Foi graças às representações cartográficas que os homens puderam elaborar uma imagem do mundo e, ao mesmo tempo, possibilitou a ação humana sobre este, agindo, transformando-o e tomando posse. [...] A história da Geografia é inseparável da história da cartografia. Desde os primórdios o homem se relacionou com o espaço em que vive e este sempre foi representado.

Como foi possível perceber, na antiguidade as condições de desenvolvimento das sociedades eram instáveis e se expandiam a longos prazos, praticamente, era impossível ter uma Geografia estruturada. Por esta razão levaram-se muitos séculos para que se tornasse institucionalizada uma ciência.

Mas enfim, no século XIX a Geografia foi reconhecida como ciência. Foi durante esta época que surgiram as primeiras disciplinas de Geografia nas Universidades, nas famosas ‘Escolas de Geografia’ nas cidades de Paris/França (1821); Berlim/Alemanha (1828); Londres/Inglaterra (1830).

Ainda conforme Boudou (2012), o grande marco da Geografia foi quando ocorreu o I Congresso Internacional de Geografia, no ano 1871 na Bélgica. Neste período intencionava-se formar professores do ensino primário e secundário para que eles pudessem educar cidadãos patriotas e conhecedores de seus países. Este foi o início de muitas fases, importantes na evolução do pensamento geográfico.

Dentro deste cenário, surgiu a geografia tradicional (ou geografia clássica), com ensinamentos de vários intelectuais precursores do pensamento geográfico, como por exemplo: Alexandre Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), que fundaram a Escola Alemã com a corrente do ‘determinismo’; que associava o clima ao desenvolvimento do intelecto de cada pessoa.

Já na França, a geografia tradicional foi fundada por Paul Vidal de La Blache (1845-1918) com a Escola Francesa e o conceito de ‘possibilismo’, tinha como meta tratar as relações do homem com a natureza de forma concreta, a qual afirmava que as escolhas feita pelo ser humano levariam ao seu respectivo desenvolvimento cultural.

Muitas correntes, com diferentes pensamentos e expressões acerca da Geografia surgiram após a década de 1960, citemos brevemente, alguns exemplos: ‘Nova Geografia’ caracterizava pela busca de explicações, de regras, teorias e leis. Esta se contrapunha a ‘Geografia Tradicional’.

Houve também, a ‘Geografia Crítica’ caracterizada por trazer pensamentos de oposição aos poderes econômicos estabelecidos, frente à realidade constituída no mundo. Suas idéias rebatiam as do positivismo. Outra corrente que existiu foi a ‘Geografia Fenomenológica’ de conteúdos diversos buscou focar sua atenção sobre o comportamento e atitude dos grupos humanos dentro do espaço em que viviam.

E uma das mais recentes foi ‘Geografia Humanista’, que focou seus estudos nas experiências humanas e em suas crenças, tais fatores poderiam determinar as ações e os comportamentos das pessoas, assim se acreditava.

Depois que se tornou parte dos currículos universitários, ao longo do século XIX e XX e XXI, a quantidade de conhecimento e o número de instrumentos de pesquisas foram ampliados e melhorados significativamente. E sobre os diversos pensamentos geográficos, de acordo com Correa (2000) cada um deles com suas práticas teóricas, empíricas e políticas; um só coexiste com outra corrente, é o que faz uma continuação histórica.

1.2 A importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s de Geografia

A disciplina de Geografia faz parte do currículo do ensino fundamental e do ensino médio, e tem o objetivo de fazer com que o aluno, desde cedo, aprenda: a observar, concretizar a realidade, interpretar e analisar criticamente, alcançando assim os objetivos principais da Geografia. E devem estar relacionados com os conhecimentos, que o aluno leva para a sala de aula, os quais, muitas vezes, são ignorados no trabalho escolar.

Para que a Geografia alcance estes objetivos junto ao alunado, é necessária a figura, fundamental, de um professor. Este se encarregará de ser um mediador, portanto, deve observar e refletir a sua prática em sala de aula, considerando as constantes mudanças entre as diferentes áreas do conhecimento e a Geografia. Portanto, para que o ensino de Geografia se tornasse, mais real e prático, para os professores e alunos; foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Os objetivos gerais do ensino fundamental assim como os específicos de cada área, foram organizados em quatro ciclos (primeiro e segundo ciclo: 1ª a 4ª série / terceiro e quarto ciclo 5ª a 8ª série), o que hoje corresponde ao ensino fundamental (1º ano ao 9º ano). A proposta de trabalhos por ciclos tinha como objetivo evitar a excessiva fragmentação do conhecimento e tornar possível uma abordagem mais completa e integradora das disciplinas (Brasil, 1997).

Para compreender a natureza dos Parâmetros Curriculares Nacionais, é necessário situá-los em relação a quatro níveis de concretização curricular **considerando a estrutura do sistema educacional brasileiro**. Tais níveis não representam etapas seqüenciais, mas sim amplitudes distintas da elaboração de propostas curriculares, com responsabilidades diferentes, que devem buscar uma integração e, ao mesmo tempo, autonomia. (BRASIL, 1997, p. 29, grifo nosso)

Vejamos alguns dos ‘Objetivos da Geografia’ para alunos do primeiro e segundo ciclo. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, é desejável que ao concluírem o primeiro ciclo, os alunos estejam preparados para:

- Reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social;
- Saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta da paisagem, sobre tudo por meio de ilustrações e da linguagem oral;
- [...] Reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de vida das cidades e do campo relativas ao trabalho, às construções e moradias, aos hábitos cotidianos, às expressões de lazer e de cultura;
- Conhecer e compreender algumas das conseqüências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes na paisagem local e em paisagens urbanas e rurais. (BRASIL, 1997, p. 89 e 95)

Proporcionar aos alunos o estudo do meio, o trabalho com imagens e a representação dos lugares são recursos didáticos interessantes, através destes, os alunos poderão construir e reconstruir, de maneira cada vez mais ampla e estruturada, as imagens e as percepções que têm da paisagem local, conscientizando-se seus vínculos afetivos, Brasil (1997)

Na seção ‘Blocos temáticos e conteúdos’ dos PCNs de Geografia, seguem as sugestões de para o primeiro ciclo e o estudo da paisagem local (por exemplo: “Tudo é natureza”, “Conservando o ambiente” e “Transformando a natureza”. Bem como idéias para o segundo ciclo e as paisagens urbanas e rurais com suas características e relações (alguns temas: “O papel das tecnologias na construção das paisagens urbanas e rurais” e “Informação, Comunicação e Interação”).

Embora tenham muitas propostas de temas a ser trabalhado o ensino de Geografia, para a escolha mais adequada, será necessária que o professor reflita sobre as necessidades mais importantes do aluno, da escola e da sociedade. E ainda deixa claro que estas sugestões de blocos temáticos, não precisam ser seguidas em uma ordem, os blocos podem ser abordados todos ao mesmo tempo ou junto com a temática de cada ciclo.

Na parte que trata sobre ‘Critérios de avaliação de Geografia’ é dado o seguinte direcionamento: que ao final de cada ciclo os alunos deverão passar por uma avaliação dos conhecimentos adquiridos. Para tanto, utiliza-se como critério; saber se objetivos da Geografia contextualizados em de aula, foram alcançados positivamente. Vejamos o exemplo, segundo os PCNs:

- Reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de vida das cidades e o campo.

Com este critério avalia-se se o aluno reconhece, relaciona e compreende modos de vida das cidades e do campo, focando aspectos relativos aos tipos e ritmos de trabalho, às formas de moradia e organização e distribuição da população, aos hábitos cotidianos, às expressões culturais e de lazer. Brasil (1997)

Neste rápido resumo sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais é possível perceber o quanto são importantes, para serem usados como recursos para a adaptação, elaboração ou construção, de currículos pelas Secretarias de Educação, ou pelas Escolas. Assim, cada um constrói seus currículos de acordo com os parâmetros proposto e com a realidade local.

Os PCNs, com destino aos professores, podem fundamentar e orientar sua prática, seus planos de cumprimento curricular, seus projetos, planos das disciplinas e das aulas e o ensino na sala de aula. O docente adéqua às orientações na forma de ensino para que os alunos aprendam a Geografia intencionada pelos PCNs.

1.3 Históricos da Educação de Jovens e Adultos – EJA no Brasil

Podemos descrever a Educação de Jovens de Adultos como uma modalidade da educação básica, reservada especificamente, para as pessoas maiores de 15 anos de idade, que por algum motivo não tiveram a oportunidade de estudar na idade regulamentar. Esse tipo de educação escolar é popularmente conhecido como *EJA*.

Ao fazermos um breve resgate histórico, da trajetória político-pedagógica da EJA, veremos que antes de se tornar uma educação estruturada e reconhecida por lei, ela passou por

vários momentos de lutas e tensões. As primeiras idéias sobre a necessidade de lecionar no ensino primário aos adultos surgiram muito cedo no Brasil:

Logo após a Independência, encontram-se expressões dessas idéias nas propostas dos constituintes de 1823, na Constituição outorgada pelo imperador, em 1824, e na Lei do Ensino, de 1827. Depois, as afirmações sobre a necessidade de estender a educação elementar para as crianças. BEISIEGEL (2010, p.19)

A partir da década de 1930, houve grandes mudanças em nosso país, devido à expansão industrial e ao seu crescimento econômico, o Brasil começa a aparecer no cenário mundial. Dentro deste contexto, houve também o crescimento urbano, e assim uma carência de mão de obra qualificada para trabalhar nas indústrias.

Ficou constatada por parte dos governantes, a urgência em aumentar os investimentos em educação; com foco na alfabetização de adultos (em primeiro momento) das classes sociais mais baixas. Foi então que em 1934, com a criação de uma nova constituição, também foram elaboradas as novas Diretrizes Educacionais para o Brasil, onde deixava bem claro que o país tinha que diminuir o grande número de pessoas analfabetas.

Após a Constituição 1934, foi aprovado um plano nacional para a educação; e em 1938 houve a criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP dentro do Ministério da Educação e Saúde (nome da pasta naquela época). O Brasil seguia fazendo alguns investimentos na educação, mesmo que aparentassem serem pequenos e a longos prazos.

Em agosto de 1945 através de um decreto (nº 19.513) ficou regulamentado a liberação de auxílios, através do Fundo Nacional de Ensino Primário – FNEP para os estados. Ainda, conforme BEISIEGEL (2010, p.21):

[...] destinava à educação primária de adolescentes e adultos analfabetos, 25% de cada auxílio federal por conta do Fundo Nacional de Ensino Primário, observado os termos de um plano geral de ensino supletivo, aprovado Ministério da Educação e Saúde. Instituiu-se, assim, a figura legal de um plano geral do ensino supletivo e identificavam-se as verbas necessárias à sua realização.

Agora com iniciativas e verbas estabelecidas para o ensino supletivo, em 1947 criou-se o Serviço de Educação de Adultos – SEA. Naquele mesmo ano foi lançada a primeira Campanha de Educação de Adultos, coordenada por Lourenço Filho. Um dos objetivos mais ousados de tal campanha foi de instalar 10.000 (dez mil) classes noturnas para o ensino de jovens e adultos.

Campanha de Educação de Adultos alcançou o efeito esperado em um curto prazo. Mas, partir da década de 1950, o caráter da campanha foi aos poucos sendo modificado. Os recursos da administração pública de ensino se voltaram para outros tipos de campanha, por exemplo: Campanha Nacional de Educação rural – CNER em 1952 e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo – CNEA em 1958, Beisiegel (2010).

Em janeiro 1958, no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, no Rio de Janeiro, eis que surge Paulo Freire, com um Relatório do Seminário Regional Preparatório, intitulado: “*A educação dos adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos*”. Para ele a questão do analfabetismo teria causas sociais e econômicas, ou se enfrentava a triste miséria do nordeste, ou todo trabalho em prol da erradicação seria em vão.

Os anos de 1958 a 1964 foram marcados por ações em que “a educação de adultos era entendida a partir de uma visão das causas do analfabetismo, como uma educação de base, articulada com as ‘reformas de base’ defendida pelo governo popular de João Goulart” (Gadotti e Romão, 2006, p. 36).

O Movimento de Educação de Base (MEB) tinha a intenção de ir além da educação, abrir caminhos para a libertação de milhares de homens e mulheres que viviam na inocência/ignorância, tornavam-se indefesos aos abusos da ditadura. Esse movimento durou até 1969.

Em 1967, o governo cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL e a Cruzada ABC, estes movimentos foram gerados com o fim básico de controle político da população. O tecnicismo era o centro da proposta educacional. Mas MOBRAL entrou em decadência em 1971 com a elaboração da Lei nº. 5.692/71 (primeira LDB) que estabeleceu o Ensino Supletivo. Em 1985, o MOBRAL foi extinto em definitivo.

No ano de 1990 ocorre que, a responsabilidade pública dos programas de alfabetização foi transferida para os estados e municípios. O mesmo foi marcado por grandes lutas política, pelos direitos educacionais dos jovens e adultos. Até que no ano 1996, a articulação em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, reafirmou a institucionalização da modalidade EJA substituiu nome Ensino Supletivo por EJA.

Entre os anos de 2003 a 2006, na gestão do então presidente Lula da Silva, retoma o interesse do governo para com as políticas públicas da EJA, teve maior destaque, do que os

governos anteriores. Criou, por exemplo: Projeto Escola de Fábrica que oferecia cursos de formação profissional para jovens de 15 a 21 anos; PROJOVEM (Urbano e do Campo) o foco qualificação para entrar no mercado de trabalho para jovens de 18 a 24 anos; PROEJA voltado à educação profissional técnica em nível de ensino médio.

A EJA possui um público específico, muitas vezes, que traz consigo resultados de experiências frustradas ao longo da vida, o adulto chega à EJA com uma bagagem cultural diversificada e reflexões sobre o seu mundo. Muitos se sentem excluídos da escola por diferentes razões: necessidade de trabalho, reprovações sucessivas, ou por não terem conseguido aprender, eles se excluíram e abandonaram a escola.

De acordo com o Artigo 37 da LDB nº 9394/96:

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

Conforme a norma vigente da Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional - LDB nº 9394/96, os sistemas de ensino deverão considerar as particularidades dos alunos da EJA (pois em sua grande maioria são trabalhadores e/ou chefe de família); geralmente precisam de algum incentivo para manter-se na escola.

2. A ESCOLA VISITADA E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Por se tratar de um dos principais, campos de atuação do pedagogo, foram realizados três visitas a uma escola da rede pública estadual, denominada: Escola de Ensino Fundamental e Médio Centro dos Retalhistas, localizada na Avenida da Universidade Nº 3304, Benfica, Fortaleza – CE. O primeiro dia de visita a escola, foi em 20/10/2017 (sexta-feira), pela manhã, por volta do horário de 08h30min.

O primeiro dia de visita parece ser prescindível, mas era extremamente necessário haver um momento antecedente a observação de uma aula; pois tinha que me apresentar à diretora da Escola e ao professor de Geografia, falar desta pesquisa, solicitar acesso ao Projeto Político da Escola, conhecer as dependências, pedir autorização para assistir uma aula de Geografia. E tudo isso ocorreu de forma positiva

O segundo dia de visita a escola, tinha como principal objetivo descrever, analisar e refletir sobre alguns aspectos importantes da prática docente de um professor de Geografia. A observação de uma aula foi no dia 14/11/2017 (terça-feira), no turno da noite, por volta de 18h00min. Na chegada fui muito bem recepcionada por todos os funcionários, que pediram pra que aguardasse a chegada do professor.

O terceiro e último momento na escola, também foi muito importante, na data de 30/11/2017 (quinta-feira) pela manhã aproximadamente as 08h30min, houve a realização de um a entrevista estruturada. Primeiramente foi apresentada ao entrevistado uma lista contendo as perguntas, em seguida solicitei a permissão para que o registro das respostas fosse por meio de gravação eletrônica.

Por motivos de segurança e privacidade o professor não terá seu nome real identificado. Será utilizado aqui um nome fictício: José Pires. Quando ele chegou conversamos um pouco, depois fomos para sala de aula. Mais detalhes da observação em sala de aula serão apontados no capítulo seguinte. Pois, nesta parte, conheceremos mais sobre a escola visitada.

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico (P.P.P) da Escola de Ensino Fundamental e Médio Centro dos Retalhistas, esta foi fundada há 80 anos, na data de 02 de abril de 1937. Ganhou este nome, porque a princípio, funcionava naquele prédio uma associação onde se comercializava mercadorias em retalhos. Antes era situada no centro de

Fortaleza (Av. Barão do rio Branco). Naquela época a diretora do Conselho Administrativo do Centro dos Retalhistas, se dispunha a dar aulas do antigo curso primário para os filhos dos associados, preparando-os para o Exame de Admissão ao Ginásio.

No governo de Aduato Bezerra, foi criado um decreto que passou a regulamentar as unidades escolares, as instituições que ainda não tinha publicado seus atos de criação, ficava a partir daquela data, reconhecida como “Escolas do 1º Grau”. O que beneficiou a Escola Centro dos Retalhistas, esta passou a funcionar, desde então na Avenida da Universidade, desde então, uma escola estadual.

Atualmente a escola conta com um quadro de funcionário com aproximadamente 50 pessoas. A estrutura física do prédio não é tão grande, porém, confortável, a referida escola possui nove salas de aula, sala de direção e sala dos professores, uma sala de multimeios, uma quadra esportiva, laboratório, cozinha e almoxarifado.

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico para EJA (1º ano – ensino médio) da escola visitada (atualizado em 2016) na sessão que trata dos “Objetivos Específicos” de cada disciplina lecionada, ao tratar da Geografia, nos apresenta os seguintes objetivos:

Geografia:

- ✓ Compreender que a cidadania também é o sentimento de pertencer a uma realidade na qual as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado do qual todos são membros participantes;
- ✓ Discutir as ações sociais, culturais e ambientais em diferentes espaços;
- ✓ Considerar os espaços de vivência dos alunos;
- ✓ Construir um conjunto de conhecimentos referentes a conceitos, procedimentos e atitudes relacionadas à Geografia, que permite aos jovens e adultos conhecerem o mundo atual e sua diversidade, favorecendo a compreensão de como a paisagem, os lugares e os territórios construídos;
- ✓ Compreender que melhoria das condições de vida, os direitos políticos, os avanços tecnológicos e as transformações socioculturais são conquistas ainda não construídas por todos os seres humanos.

Desse modo, para que os objetivos sejam alcançados, o ensino de Geografia deve basear-se em uma estrutura teórico-metodológicas fundamentada nos conceitos de natureza, paisagem, espaço, território, região, lugar, ambiente, cultura sociedade etc. Neste sentido um dos papéis da escola é o de organizar os conteúdos, considerando os conhecimentos prévios dos alunos e o meio onde está inserido.

3. A SALA DE AULA OBSERVADA E O ENSINO DE GEOGRAFIA

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa [...] a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. [...] A observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. (GIL, 2012, p.100)

Antes que começasse a aula de Geografia, o professor José Pires explicou-me sobre o conteúdo que seria explanado, citou o livro utilizado pela turma; e falou sobre esta última. A turma é de EJA (1º ano do ensino médio), a quantidade inicial de alunos matriculados na sua turma era de 22 alunos, porém 3 se evadiram. Ele poderia contar com 13 alunos que freqüentavam assiduamente. Logo após este instante de conversa, fomos à sala de aula.

Em sala aguardamos os alunos chegarem, como já era próxima a hora de 19h:00min o professor resolveu começar a explicação da aula preparada. Ele iniciou fazendo uma retrospectiva da aula anterior, onde foi explicado sobre “orientação: os pontos cardeais e colaterais”; “qual a sua importância” e “como podemos orientar-nos”... etc.

O tema da aula daquela noite seria: “A localização no espaço e os sistemas de informações geográficas”. Então ele pausou sua fala e pediu licença para ir até a sala de biblioteca verificar se estava já aberta, pois precisariam do livro de Geografia: “Território e sociedade no mundo globalizado” (2013, 2ª edição, Ed. Saraiva). Depois retornou a sala com os livros necessários e um globo terrestre.

Todos que receberam um livro e abriram na página indicada, (inclusive esta observadora participante). O professor José Pires explanou bastante sobre os conceitos e exemplos de: “zonas térmicas”; “o sol da meia-noite”; “os movimentos da Terra: rotação, translação e as estações do ano”; “a incidência dos raios solares em diferentes partes do planeta” e assim por diante.

Após alguns minutos de aula expositiva oral, o professor utilizou o globo terrestre para ilustrar um pouco da parte teórica. Ele apagou as luzes da sala, acendeu a luz da lanterna do celular (esta última simbolizava a luz do Sol) com a luz em direção ao globo terrestre (este representava nosso Planeta Terra) esclareceu que o movimento de rotação é que determina quando será dia ou noite em diferentes países. E o de translação é o que definirá as estações do ano.

Esta última ação do professor, nos remete a as palavras de BUITONI (2010, p.44, grifo nosso):

A utilização de outras linguagens, que não apenas a verbal, escrita e não escrita, e/ou de outros recursos técnicos, diferentes do papel e quadro-negro, **é hoje inevitável e necessária na educação**, porque a sociedade já está vivendo no meio técnico informacional desde os anos de 1970.

Neste momento teórico-prático, os alunos observaram bem atentos e depois fizeram algumas perguntas, prontamente o professor esclareceu as dúvidas que foram surgindo no decorrer de toda a aula. O professor encerrou a aula esclarecendo a diferença de “tempo” e “clima” (que tempo é possível de se identificar a qualquer momento: se está chuvoso ou ensolarado... Já clima é a sucessão de diferentes estados do tempo, ou seja, para identificá-lo podem-se levar anos pra identificar o clima de uma região, por exemplo). Em seguida agradeceu a presença dos alunos, já estávamos saindo da classe e ele despediu-se com: “uma boa noite a todos e até a próxima semana”.

4. A ENTREVISTA COM UM PROFESSOR QUE LECIONA GEOGRAFIA

Seguindo os procedimentos para a composição deste trabalho, viu-se necessário aplicar uma *entrevista* com um professor que dar aulas de Geografia. Visando a obtenção de informações e análises dos seguintes ângulos: formação acadêmica, profissionalização, visão sobre a escola e os desafios do trabalho pedagógico em sala de aula.

De acordo com Gil (2012, p.109):

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação.

A seguir o relato de trechos que foram selecionados da referida entrevista:

4.1 Formação em Licenciatura em Geografia

De acordo com a fala do professor José Pires, a principal motivação para seguir seus estudos, veio dos seus genitores, embora ele estudasse em escolas públicas seus pais, sempre procuraram as melhores. Após o ensino médio, fez cursinho pré-vestibular e no ano de 2006 foi aprovado em Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Ceará – UFC. Estudou quatro anos na graduação, não se arrepende da escolha do curso, considera o tempo de curso foi bom para aplicar na prática pedagógica, mas se pudesse, mudaria algo.

Eu acrescentaria... Assim, modificaria algumas coisas: o curso é dividido em licenciatura e em bacharelado; na parte da licenciatura, lembro que nós vimos uma quinze cadeiras voltadas diretamente pra educação. Algumas eram de bastante qualidade, já outras nem tanto, pareciam que... deixavam muito a desejar. Eu creio que, se houvesse, na época, já fortificado o programa do PIBID, se houvessem estágios mais eficazes eu creio que seria bem melhor. [...] Acho que parte prática deveria acontecer mais.

4.2 A Profissionalização

Segundo as palavras do nosso entrevistado, a escolha do curso foi feita com certa imaturidade, pois tinha apenas 16 anos, foi mais pra seguir a escolha dos amigos. No decorrer do curso ele aprendeu a gostar, pois dentro do curso de tinha uma vertente da educação, que lhe chamou bastante atenção. Quando já estava no último ano da graduação, em 2009, se inscreveu no concurso pra professor efetivo do estado e foi aprovado. Começou a trabalhar

em 2010, sem nenhuma experiência com sala de aula, foi executando que aprendeu a sua profissão.

Sobre a minha profissão, de ser um professor, vejo como uma profissão muito digna, como tantas outras, mas que não é valorizada como deveria, não é valorizada como uma profissão de nível superior, nem na questão salarial, às vezes, não é respeitada pelos alunos e pelos pais, pelos gestores e até os governantes. [...] Eu creio que as pessoas deveriam aclamar mais essa profissão. Essa desvalorização, às vezes, me desmotiva bastante.

4.3 A Escola

Ao tratar deste tema, ele nos explica que compreende a Escola como um espaço de compartilhamento de saberes, onde as pessoas interagem uma com as outras, onde elas podem expressar sua opinião e ouvir quem tem mais experiência. Dentro deste contexto o professor fala da importância do ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos, na visão dele a Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico e como o homem a modifica, ela é muito importante, principalmente pra EJA, pois os alunos já vêm com opinião formada, mas existem questionamentos críticos que só a Geografia pode fazer. Vejamos a seguir o que o professor diz sobre sua autonomia em sala de aula:

Sim. Eu tenho autonomia quase que total, na minha sala de aula. Por que eu tô falando ‘quase’? Porque eu tenho que me adaptar ao calendário escolar, a captação de notas, respeitar datas, formatos, horários, que a SEDUC disponibiliza pra mim, afinal sou um funcionário dela, né!? Óbvio que ao ouvir falar de um projeto como esse: ‘escola sem partido’, surge um medo, a palavra é esta mesmo: medo. De que ele se alastre pelas escolas brasileiras, e isso vire uma ‘lei da mordaça’ fazendo com que os professores sejam controlados. Bom... Até então, hoje, tenho autonomia até para fazer debates e tem sido muito gratificante fazê-lo em sala.

4.4 A Sala de Aula

Nesta sessão o professor responde primeiramente sobre os desafios de uma sala de aula, ele nos relata que são tantos, que é classificado por qual tipo de turma se leciona. No caso de uma turma de EJA; ela é muito heterogênea e um pouco mais complexa, eles já vêm com uma bagagem de vida, têm sonhos frustrações, o ritmo de aprendizagem é diferente, ainda mais a noite, é preciso motivá-los constantemente. Ele respondeu também sobre, quais recursos utiliza em suas aulas, além do livro didático da EJA, utiliza-se de outro livro do ensino médio regular, pois na opinião do professor, o livro da EJA não é tão completo. Além disso, serve-se de recursos de vídeo e imagens, mapas, globo, experiências, os computadores

do laboratório de informática etc. Contudo ressalta que a fala do professor conduzindo tudo é de fundamental importância. E para finalizar esta entrevista o professor José Pires fala como se dá a relação entre professor-aluno, que pelas suas palavras é a melhor possível.

Esse tipo de relacionamento é maravilhoso. Uma coisa que eu sempre faço como professor é: nunca me colocar num pedestal, ou em posição superior. Eu sempre tive um bom relacionamento com meus alunos. Eu procuro ouvir as histórias deles, converso com ele, tento aprender o nome deles logo, assim laços vão se formando e indiretamente isso evita até uma evasão. Quando dou aula, eu parto dos conhecimentos deles, assim eles ficam mais atenciosos e demonstram mais interesse, isso faz com que eles recebam as aulas de Geografia de forma mais adequada.

Foram feitas perguntas por meio de entrevista com gravação de áudio e depois transcrita no presente trabalho. Mais uma vez, ressalto neste trabalho que, por motivos de segurança e privacidade o professor não teve seu nome identificado. Foi utilizado aqui um nome fictício, a saber: José Pires (assim foi chamado o entrevistado) um professor de Ciências Humanas e suas Tecnologias (que correspondem as disciplinas de Geografia, História, Filosofia e Sociologia).

De acordo com Callai (1998a) existem três principais motivos para se ensinar Geografia, no sentido de compreender o mundo. Assim, na visão dela, o primeiro motivo trata de conhecer o mundo e obter informações ao seu respeito. O segundo motivo é conhecer o espaço produzido pelo homem. O terceiro motivo pra se ensinar Geografia é proporcionar para o aluno condições para que verdadeiramente seja construída a sua cidadania. Todos estes aspectos elencados por Callai foi possível de se perceber na prática pedagógica do professor José Pires (que tão gentilmente, aceitou participar desta pesquisa).

5. CONCLUSÃO

Buscou-se apresentar nesse trabalho uma investigação acerca do ensino de Geografia, para tanto primeiramente foi feita uma revisão bibliográfica sobre o histórico da Geografia; a importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia e o histórico da Educação de Jovens e Adultos. Utilizaram-se autores como: Callai (1998), Beisiegel (2010) e Araújo (2012).

Com a pesquisa realizada foi possível conhecer e pensar sobre, a realidade vivenciada por um professor que ensina Geografia, para tanto foi necessário conhecer a Escola de Ensino Fundamental e Médio Centro dos Retalhistas, em Fortaleza que é o local onde ele leciona. A escola foi fundada há 80 anos, atualmente possui turmas para o Ensino Fundamental II e para a educação de Jovens e Adultos.

Um dos principais momentos deste trabalho foi assistir à aula do professor de Geografia, onde foi possível verificar como é o trabalho dentro de uma sala de EJA, quais os recursos pedagógicos podem ser utilizados, como ocorre a relação de respeito entre o professor e seus alunos. E foi possível ouvir sua opinião sobre os desafios de uma sala de aula,

Outro momento importante foi à realização de uma entrevista com um professor que leciona Geografia, atentar a sua fala sobre formação inicial, onde o mesmo diz que escolheu o curso por acaso, mas depois começou a se identificar o curso; falou sobre o gostar de sua profissão, mas sente o desprestígio dado pela sociedade a sua profissão, segundo ele, isso é desmotivante. Ele opinou acerca da Escola (instituição de ensino) e sobre a sala de aula, bem como se dá o relacionamento com seus alunos

Várias outras abordagens poderiam ter sido feitas acerca do ensino de Geografia, mas limitou-se aos aspectos já relacionados. Quem sabe em outro momento fazer um aprofundamento sobre a importância do ensino de Geografia. Embora não tenhamos aperfeiçoado para tanto, é possível compreender que: este tipo de ensino é capaz de formar um cidadão, no sentido de conviver e atuar em um mundo complexo; pensar e atuar criticamente em sua realidade, tendo em vista a sua transformação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Raimundo L. de. **Ensino de Geografia: perspectiva histórico-curricular no Brasil Republicano**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará – UFC, Faculdade de Educação, Fortaleza: UFC, 2012.

BOUDOU, Christian Jean-Marie. **Tópicos Especiais em Geografia**. Universidade Federal de Sergipe – UFS, Centro de Educação Superior A Distância - CESAD (Desenvolvimento de material didático - Livro), 2012.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MC/SEF, 1997.

BUITONI, Marísia M.S (coord.), **Coleção Explorando O Ensino/Geografia**, Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação/SEB, 2010. v.22

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 2000

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. **Educação de jovens e adultos: teoria prática e proposta**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2006..

ROCHA, Anderson. **O que é Geografia e o que estuda**. Disponível em: <www.geografialegal.com.br> Acesso em: 20 de outubro de 2017.

APÊNDICE – FORMULÁRIO DA ENTREVISTA

BLOCO 01 – FORMAÇÃO EM LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

01. Alguém influenciou nos seus estudos, para que chegasse ao Ensino Superior? Caso sim, quem?
02. Em qual instituição cursou graduação e em qual ano colou grau?
03. Você considera que foi suficiente, o tempo de estudo da licenciatura em Geografia para aplicar os conhecimentos na sua prática pedagógica?
04. Você mudaria algo na sua formação?

BLOCO 02 – PROFISSIONALIZAÇÃO

01. Por quê escolheu lecionar Geografia?
02. O que pensa sobre a sua profissão? Você se identifica *totalmente* com o seu trabalho?
03. Você é professor com contrato efetivo ou temporário?

BLOCO 03 – A ESCOLA VISITADA

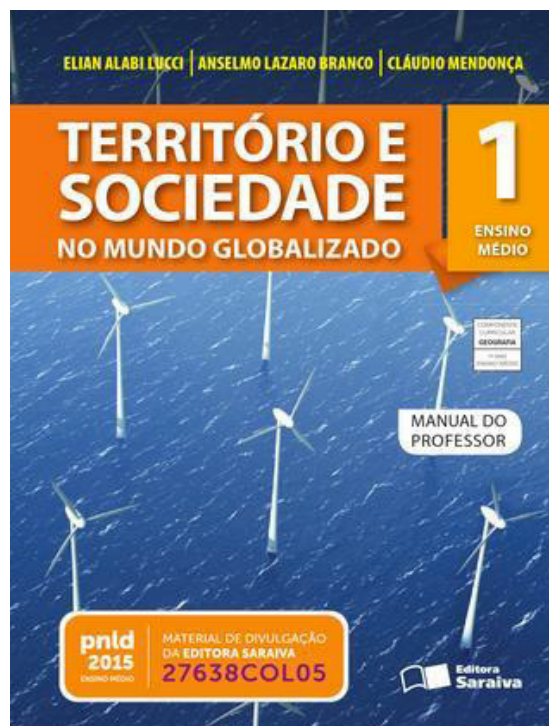
01. Como compreende a Escola (instituição educacional)?
02. Qual a importância da Geografia na escola, especificamente na EJA?
03. Possui liberdade (autonomia) para atuar como professor na escola onde trabalha? Comente.

BLOCO 04 – A SALA DE AULA

01. Quais os desafios de uma sala de aula?
02. Além do livro didático, quais outros instrumentos didáticos você procura utilizar em suas aulas?
03. Como ocorre o seu relacionamento com os alunos? Como eles recebem as suas aulas de Geografia?

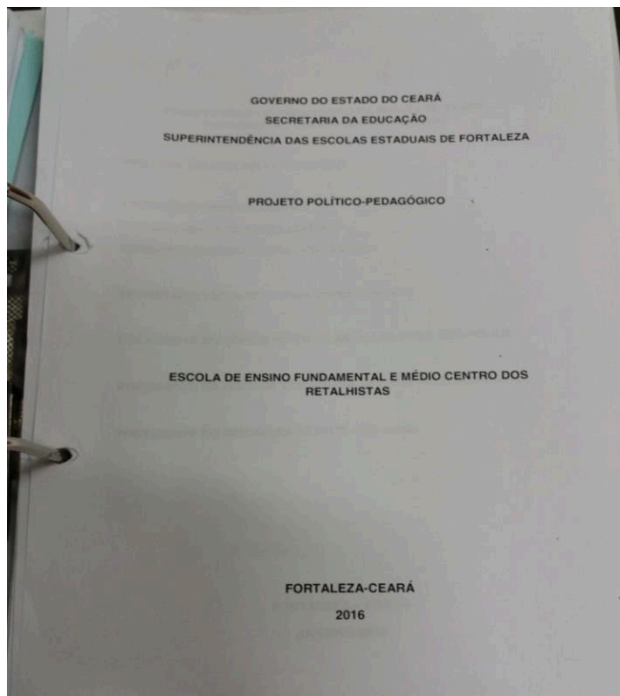
ANEXO A – IMAGENS LIGADAS A VISITA ESCOLAR

Fonte: Google Maps (JUN 2014) – Frente da Escola Centro dos Retalhistas.

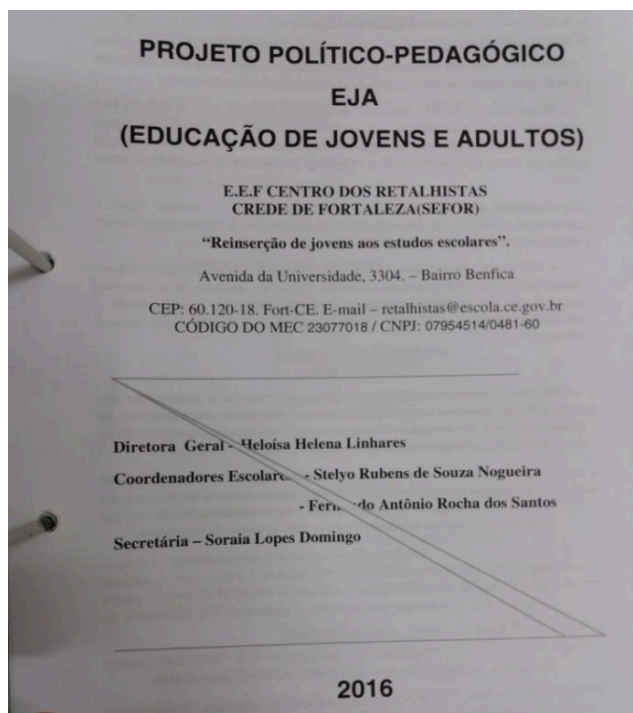


Fonte: Site da Editora Saraiva – Capa do livro utilizado na turma da EJA no Ensino de Geografia.

ANEXO B – COLETA DE MATERIAS PEDAGÓGICO



Fonte: Imagem elaborada pela própria autora. PPP da Escola Centro dos Retalhistas.



Fonte: Imagem elaborada pela própria autora. PPP - EJA da Escola Centro dos Retalhistas.